

Protestos colocam Putin em dificuldade inédita

Charles Clove

Nos tempos soviéticos, os cidadãos normalmente podiam saber que havia uma crise política em andamento quando as estações de rádio e TV, em vez de notícias, não transmitiam mais nada além dos rodopios de "O Lago dos Cisnes". O equivalente atual do balé de Tchaikóvski é a mensagem "solicitação inacessível". Quando essas palavras aparecem em algum navegador de internet na Rússia, seja o que for que se tentava acessar, provavelmente foi atingido pelos hackers do Kremlin, após algum "ataque de negação de serviço" contra o site.

Na semana passada, os russos tiveram de acostumar-se a páginas de internet que não conseguiam acessar, uma vez que Vladimir Putin, o austero ex-chefe da KGB que comanda o país desde 2000, enfrenta a pior crise de seu governo.

As eleições parlamentares do dia 4 resultaram em uma queda constrangedora no apoio ao partido governista, Rússia Unida. Pior, o Kremlin foi pego em flagrante perpetrando uma fraude eleitoral maciça. Apesar dos grandes esforços, o partido emergiu com 77 assentos a menos do que na eleição passada, há quatro anos.

Centenas de bloggers, monitores independentes e cidadãos comuns com câmeras de telefones celulares, no entanto, gravaram a avalanche de violações, desde a manipulação das urnas até a compra de cédulas de eleitores que estavam ausentes do local de votação, para falsificar resultados.

"Não acho que o nível de falsificação tenha sido maior do que em 2007. Simplesmente foi muito mais óbvio", diz Andrei Buzin, diretor de monitoração da Golos, instituição independente de observação de eleições que enfrentou fortes pressões, incluindo uma multa imposta por um tribunal. "De repente, todos tinham uma câmera de telefone e acesso à internet. Isso colocou a fraude bem na frente da cara das pessoas."

Os ataques a blogs e redes sociais não impediram que as notícias se espalhassem. No dia 5, os moscovitas estavam furiosos e uma marcha no centro de Moscou foi contida pela polícia antimotim, que agrediu manifestantes e prendeu 300 pessoas, incluindo líderes opositores, como Iliá Iachin e Alexei Navalni. Os dias 6 e 7 trouxeram mais do mesmo e, cedendo à pressão, a Prefeitura de Moscou concordou em permitir uma manifestação de 30 mil pessoas.

A maior manifestação na capital havia sido planejada para a Praça da Revolução, em frente aos muros do Kremlin. As autoridades municipais, no entanto, disseram que iriam fechar a praça para construir um rink de patinação no gelo como parte de um "festival de inverno", do qual ninguém havia ouvido falar nos dias anteriores.

No sábado, ocorreram manifestações em dezenas de outras cidades e as próximas semanas deverão mostrar se a oposição desgovernada conseguirá unificar-se em torno a uma única figura. O candidato mais forte atualmente parece ser Navalni, um blogger alto e carismático com ideias nacionalistas pronunciadas, que ganhou reputação ao expor casos de corrupção.

Sua prisão pode mostrar-se um erro estratégico das autoridades. "Eles o transformaram, instantaneamente, de um líder no mundo virtual em um que também é no real", diz Alexei Venediktov, editor da estação de rádio Echo Moskvi.

Continua incerto, no entanto, se a oposição conseguirá manter seu ímpeto quando os teclados forem trocados pelas geladas ruas de Moscou em dezembro. "Uma coisa é clicar 'curtir' em sua página no Facebook e outra bastante diferente é ter quatro policiais antimotins batendo sua cabeça em um carro estacionado", diz um manifestante que estava próximo à Praça do Triunfo, na terça à noite, quando até 500 protestantes foram presos.

Por esse motivo, muitos continuam céticos quanto às esperanças de que a Rússia possa vivenciar sua versão própria da Primavera Árabe, apesar das similaridades com os regimes autoritários que desmoronaram no Norte da África: uma geração jovem sem mobilidade social,

internet generalizada e muitas pessoas com trinta e poucos anos e câmeras de telefones nas mãos.

Embora, por enquanto, o regime pareça a salvo, está claro que o modelo Putin de democracia administrada está funcionando pessimamente. "O modelo de cima para baixo de 'tecnologia política', o método de administrar a vida política na Rússia, está exaurido", diz Gleb Pavlovski, ex-relações-públicas do Kremlin.

Cada vez menos pessoas assistem à TV, o método tradicional de controle das mentes desde os tempos soviéticos - foi só na quarta-feira à noite que a TV estatal noticiou as manifestações que haviam começado no domingo anterior. Embora, na quinta, Putin tenha atribuído as manifestações a "sinais" enviados à oposição russa pela secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, cada vez menos gente leva a sério essa paranoia de bravatas pós-Guerra Fria.

Muitos russos parecem ter se cansado dos 12 anos de domínio de Putin e mostram-se particularmente receosos com a perspectiva de ter outros 12 pela frente. Após passar quatro anos como primeiro-ministro, Putin anunciou despreocupadamente em setembro que pretendia voltar à Presidência - possivelmente para dois mandatos de seis anos - enquanto o presidente Dimitri Medvedev dizia que assumiria o papel de premiê.

O anúncio, supostamente, reforçaria as chances do Rússia Unida nas eleições do dia 4, por trazer o poder de estrela de Putin para sustentar números que já estavam em queda. A ideia mostrou-se um erro gigantesco de cálculo. A classe média ascendente, que há uma década ficou aliviada quando ele deu ordem à caótica vida pós-comunista, agora se ressentido do tratamento paternalista do regime.

"O Kremlin cometeu um erro imenso em setembro", diz Tanya Lokshina, do Human Rights Watch, grupo de defesa dos direitos humanos. "Apáticas ou não, as pessoas não gostam de ser ameaçadas como se fossem gado." Desde que a ideia de troca de cargos foi revelada, o número de russos que descreve Putin como confiável caiu de 54% para 46%, de acordo com a empresa de pesquisas Public Opinion Foundation - o que não chega a ser um desastre, mas é uma tendência negativa.

Embora as eleições fraudadas e a reação desafinada do Kremlin tenham sido os catalisadores dos protestos, a verdadeira origem da perda de popularidade de Putin está na economia, argumentam muitos analistas. Durante seus dois primeiros mandatos como presidente, de 2000 a 2008, a renda real, em dólares, mais do que dobrou, uma vez que os salários superaram a inflação e a combinação de preços elevados do petróleo e reformas limitadas expandiu a economia. Cientistas políticos começaram a falar em um contrato social entre o Kremlin e a população - aumento no padrão de vida em troca da passividade política.

Desde 2009, contudo, quando o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 8% sob o peso da crise global, essa barganha começou a ruir. Embora o Kremlin tenha despejado dinheiro em programas sociais, que elevaram a aprovação do governo naquele ano, a renda real ficou praticamente estabilizada desde então, já que a inflação, embora em queda, superou os salários.

A credibilidade de Putin, paralelamente, foi prejudicada pelo compadrio político do qual aparentemente seus associados saem cada vez mais beneficiados. Embora ele tenha desenvolvido sua popularidade no início da década de 2000 ao derrubar os poderosos oligarcas russos, agora a mesa virou; muitos em seu círculo mais próximo fizeram grandes fortunas. A Transparência Internacional coloca a Rússia na 143ª posição em seu índice de percepção de corrupção mais recente - mesmo lamentável patamar que Nigéria e Uganda.

O russo comum estava disposto a perdoar a corrupção na elite desde que sua própria vida estivesse melhorando. Mas, com os padrões de vida em declínio pela primeira vez em dez anos, a hipocrisia sob a qual alguns poucos bem conectados ficam ricos irritou muitas pessoas. "Lá no fundo, você pode sentir a formação de uma maré de raiva e ressentimento", diz Lilia Chevtsova, do Carnegie Moscow Center. "Agora, a bolha estourou."

Um novo livro, "Change or Decay", escrito por Chevtsova e Andrew Wood, ex-embaixador do Reino Unido no país, cita pesquisas mostrando que 40% dos russos "acreditam que a Rússia precisa de uma mudança radical". A última vez em que esse tipo de sentimento era predominante foi em 1991, dizem os autores.

É cedo demais, no entanto, para dizer que Putin está fora de cena. Seus índices de aprovação podem ter caído, mas continuam altos e o Kremlin se assegura que ele não seja ameaçado por algum desafiante. Ele tem as ferramentas e a experiência para intimidar oponentes - desde os 51 mil policiais e soldados usados em Moscou até a Nachi, um grupo jovem apoiado pelo Kremlin que se vale de "hooligans" de futebol com bastões de alumínio para esmagar a oposição. Também há ferramentas para comprar oponentes - o Fundo de Reserva e o Fundo de Bem-Estar, que recebem as receitas do petróleo russo disponíveis para financiar gastos orçamentários extras, possuem US\$ 110 bilhões. Isso é suficiente para dois anos de pagamentos em dobro das aposentadorias e outras políticas que gerem apoio.

O que está claro, porém, é que Putin perdeu a aura de czar invencível da qual gozava. Um momento particularmente humilhante pôde se visto em novembro, quando foi vaiado em uma disputa de artes marciais quando subiu ao ringue para congratular o vencedor (o vídeo do incidente no YouTube foi visto mais de 4 milhões de vezes). Sua credibilidade como governante caiu grandemente, talvez de forma irrecuperável.

A questão agora é como ele reagirá às novas circunstâncias. Poucos acreditam que Putin possa seguir um caminho de liberalização, mas ser linha dura poderia tornar-se algo explosivo. "Ele não é do tipo que liberaliza", diz o cientista político Vladimir Pribilovski. "Mas também não acho que ele possa apertar mais os parafusos. Ele apenas quer não fazer nada e esperar pelo melhor."

Bilionário se candidata à Presidência russa, mas críticos veem encenação

O bilionário Mikhail Prokhorov disse ontem que pretende se candidatar à Presidência da Rússia nas eleições de março, desafiando o primeiro-ministro Vladimir Putin. O anúncio coincide com a onda de protestos no país contra supostas fraudes nas eleições parlamentares que teriam favorecido o partido do premiê. Para alguns analistas, no entanto, a candidatura do empresário seria uma manobra de Putin para dar maior legitimidade à sua eleição.

Prokhorov tem 46 anos e construiu uma fortuna estimada pela revista "Forbes" em US\$ 18 bilhões com negócios nos setores de metais e bancos. Considerado o terceiro homem mais rico do país, é presidente da Polyus Gold, a maior produtora de ouro da Rússia, e também é dono do time americano de basquete New Jersey Nets. "A sociedade está acordando. As autoridades que não conseguirem estabelecer um diálogo com a sociedade terão que partir", disse ao lançar a candidatura.

O bilionário se descreve como um "defensor dos interesses da classe média" e tentou, sem sucesso, concorrer nas eleições do dia 4. Em junho ele se tornou o líder do partido Causa Certa, formado com o apoio tácito do governo, mas desistiu três meses depois, por desavenças com o Kremlin a respeito de como a agremiação deveria se desenvolver.

Prokhorov afirmou não ter medo de acabar com o mesmo destino de Mikhail Khodorkovski, outro dos chamados oligarcas - pessoas que construíram grandes fortunas ao ganhar o direito, muitas vezes de maneiras obscuras, de explorar os recursos naturais do país após o desmantelamento da União Soviética. Khodorkovski era o homem mais rico da Rússia quando foi preso, em 2003, e condenado a 13 anos de prisão por fraude e sonegação de impostos - ele nega qualquer culpa e diz que foi perseguido por Putin por financiar partidos de oposição.

Para Lilit Guevorguian, analista da IHS Global Insight em Londres, a participação de Prokhorov pode "mudar o jogo" caso ele consiga os 2 milhões de assinaturas necessárias para colocar o seu nome na cédula como candidato independente. "Ele certamente poderia atuar como um

canal para ventilar a frustração de muitos jovens profissionais que não admitem votar nos comunistas ou nos nacionalistas só para não votar em Putin", disse ela. "Poderia até mesmo provocar um segundo turno." A grande maioria dos analistas dá como certo o retorno de Putin à Presidência.

A iniciativa de Prokhorov pode ser um estratagema para beneficiar Putin, dando à eleição presidencial uma aparência de competição genuína, disse Serguei Markov, um ex-parlamentar do Rússia Unida que chefia o Instituto de Estudos Políticos, em Moscou. "Há duas possibilidades aqui: ou é algo acertado com Putin para aumentar a legitimidade da eleição presidencial após os recentes protestos ou Prokhorov pode estar pulando no trem das manifestações", disse Markov. "Prokhorov é um oligarca glamouroso e tem suficiente dinheiro para se promover."

A suspeita de um jogo de cena é compartilhada por Alexei Mukhin, diretor do Centro para Informação Política, de Moscou, pelo analista político e Dmitri Orshkin e pelo ex-vice-premiê Boris Nemtsov. "A tarefa de Prokhorov é ajudar Putin a se eleger. Um bilionário jamais assumiria um risco desses se não tivesse um acerto com Putin", afirmou Nemtsov.

No domingo, o presidente Dmitri Medvedev prometeu que haveria uma investigação para apurar as denúncias de fraude nas eleições em que o partido governista, Rússia Unida, teve aproximadamente 50% dos votos. Ontem, o porta-voz de Putin, Dmitri Peskov, previu que a investigação não resultará em alterações significativas nos resultados oficiais. "Se você pegar todos os casos dessas supostas violações, o total será menos de 1% do número geral de votos. E, falando hipoteticamente, mesmo que sejam contestados na Justiça, de modo algum afetarão a legitimidade das eleições", disse Peskov.

Economia do país resiste, mas está atrelada ao euro

Jason Bush

Em meio à turbulência do cenário internacional, a economia da Rússia vem até agora demonstrando resiliência. Mas os efeitos de contágio a partir da zona do euro ameaçam uma recuperação instável, em meio à queda nas exportações e à fuga de capitais provocada pela diminuição da exposição dos bancos à Rússia.

Se os países da zona do euro não arrumarem a casa e uma retração econômica levar a uma contínua queda nos preços do petróleo, a Rússia sofrerá mais do que um pequeno abalo. "A Europa é extremamente importante para a Rússia", diz Vladimir Tikhomirov, economista-chefe da Otkritie Securities, em Moscou. "O consenso é de que a zona do euro vai conseguir atravessar essa. Mas a realidade é que estamos sendo gradualmente arrastados para uma crise que pode ficar cada vez mais funda."

A economia da Rússia deve crescer neste ano aproximadamente 4%. Mas o desempenho tem sido ajudado por fatores temporários, incluindo uma colheita bastante favorável e gastos relacionados à eleição.

A maioria dos economistas antecipa um crescimento menor do Produto Interno Bruto (PIB) para o ano que vem. Na sua mais recente previsão econômica para a Rússia, o Fundo Monetário Internacional (FMI) espera uma expansão "branda" de 3,5%, com "significativos riscos negativos".

Até mesmo uma relativamente modesta desaceleração pode ser muito incômoda para o governo do primeiro-ministro Vladimir Putin - que agora enfrenta aberto descontentamento público movido em parte pela decepção em relação aos padrões de vida. Um pouso forçado pode ser o desfecho no caso de maior deterioração na Europa.

A Rússia não está em condições de ignorar o destino do euro. Dos seus US\$ 514 bilhões em reservas estrangeiras, 45% estão investidos em instrumentos do euro - na maior parte, dívida soberana.

A União Europeia também responde por 50% das exportações russas, que seriam atingidas no caso de uma contração na zona do euro. No cenário de pesadelo - calotes, quebras de banco, colapso da moeda comum -, a Rússia inevitavelmente seria arrastada no pânico geral. "Haveria uma significativa queda no ânimo e uma fuga maciça em busca de qualidade", afirma Alexei Moisseev, economista da VTB Capital, em Moscou. "Todos os investidores, russos incluídos, irão vender rublos e comprar títulos do Tesouro americano."

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 13 dez. 2011, Primeiro Caderno, p. A12.